

## *Apresentação*

A temática dos multiletramentos tem sido pauta das discussões em Linguística Aplicada há algumas décadas, mais explicitamente a partir de 1996, com o manifesto do Grupo de Nova Londres (NEW LONDON GROUP, 1996), que apresentou a “Pedagogia dos Multiletramentos” para um ensino da linguagem conectado com as demandas das práticas sociais contemporâneas, marcadas pela multiplicidade cultural, linguística, tecnológica e semiótica.

O desenvolvimento de multiletramentos, ou seja, da capacidade de uso situado de múltiplas tecnologias, mídias e de múltiplos conhecimentos culturais e recursos semióticos (como imagem, palavra, gesto, textura, som, por exemplo), proporciona o acesso do aprendiz ao mundo e sua participação crítica (NEW LONDON GROUP, 1996), meta maior da educação linguística. O artigo inicial de Themis R. B. da Costa Silva discorre sobre aspectos centrais da Pedagogia dos Multiletramentos.

Por um lado, o conceito de multiletramentos veio a destacar o papel dos canais e das tecnologias de comunicação (letramentos multimidiáticos e letramentos digitais) e dos recursos semióticos não verbais (imagem, som, gesto – letramentos multimodais) na produção de sentido. Por outro lado, consolidou a perspectiva da linguagem como gênero discursivo, pois veio a reafirmar que só é possível desenvolver os multiletramentos dentro de algum gênero, expandindo o princípio já anunciado por Lemke (1998, p. 284): “um letramento é sempre um letramento em algum gênero”.

Os gêneros são atividades recorrentes e “culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem num dado contexto de situação, atravessado por discursos de ordens diversas” (MOTTA-ROTH, 2005, p. 147). Cada atividade mobiliza um conjunto de letramentos específicos, relevantes para o que se quer alcançar. Conforme ilustram os artigos deste número da *Letras*, são muito diferentes entre si os multiletramentos necessários para a leitura/produção de fotografias de campanha política (artigo de Francisco O. Veloso), de livros infantis ilustrados (artigo de Verônica P. C. Constanty e Viviane M. Heberle), de charges (artigo de Ana Elisa Ribeiro), de notícias de popularização da ciência (artigo de Maria José B. Finatto, Aline Evers e Monica Stefani), de gêneros acadêmicos (artigo de Désirée Motta-Roth, Amanda M. Pretto, Anelise S.

Scherer, Ana Paula C. Schmidt e Helena Selbach) e de gêneros em audiovisual (Roséli G. Nascimento e Graciela R. Hendges). Os distintos contextos e propósitos de uso desses gêneros definem que, em alguns casos, como o de fotografias de campanha política ou de charges, saberes sobre cultura política e sobre significados visuais são cruciais. Em outros, como de notícias de popularização da ciência e de gêneros acadêmicos, conhecimentos sobre os princípios e processos da ciência e sobre a língua escrita são mais importantes.

Uma perspectiva abrangente de multiletramentos envolve tanto os processos de ensinar e aprender mediados pela linguagem quanto o desenvolvimento de consciência linguística. Nesse viés, encontram-se os artigos sobre a relação entre escritor e a atividade de produção escrita em poemas e prosas (de Ilsa C. V. Goulart) e também a entrevista com a professora Gláís Sales Cordeiro, da Universidade de Genebra, sobre o ensino de língua e suas implicações para a formação inicial e continuada do professor de língua (artigo de Cleide Inês Wittke).

Em nosso grupo de pesquisa (GrPesq/CNPq “Linguagem como Prática Social”), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, temos dado especial destaque ao conceito de multiletramentos. Desde 2011, já realizamos quatro edições da Jornada de Multiletramentos (2011, 2012, 2014 e 2015), buscando criar um espaço para reflexão, debate e divulgação de resultados de pesquisas e de experiências de ensino com foco nos (multi)letramentos em diálogo com outras áreas. Nesses eventos, temos trazido as contribuições de importantes pesquisadores brasileiros e estrangeiros, como Roxane Rojo (UniCamp), Walkyria Monte Mór (USP), Paulo Coimbra Guedes (UFRGS), Maria Lúcia Castanheira (UFMG), William Cope (University of Illinois at Urbana-Champaign), Brian Street (London University), John M. Swales (University of Michigan), Christine Feak (University of Michigan), Charles Bazerman (University of California Santa Barbara), Daniel Fernandez (Universidad Nacional del Litoral) e Carlos Gouveia (Universidade de Lisboa).

Em nossas Jornadas de Multiletramentos, temos elegido temáticas que exploraram o conceito de multiletramentos, a recontextualização desse conceito para a prática pedagógica, exemplos de boas práticas/propostas pedagógicas implementadas nas escolas, perspectivas futuras e desafios a serem vencidos. Os resultados apresentados nesses eventos enfatizam a necessidade de desenvolvermos mais pesquisas,

discussões e ações pedagógicas contundentes para a reconfiguração de questões pertinentes ao uso e funcionamento da linguagem em contextos sociais e para um avanço significativo nos multiletramentos.

## REFERÊNCIAS

LEMKE, J. L. Metamedia literacy: transforming meanings and media. In: REINKING, D.; LABBO, L.; MCKENNA, M.; KIEFER, R. (Eds.). **Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world**. Hillsdale, NJ: Erlbaum. 1998. p. 283-301.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. Ed. União da Vitória-PR: Editora Lucerna, 2006. p. 145-163.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **The Harvard Educational Review**, v. 1, n. 66, p. 60-92, 1996.

*Graciela Rabuske Hendges (UFMS)*

*Désirée Motta-Roth (UFMS)*

*Roséli Gonçalves do Nascimento (UFMS)*

*Viviane Maria Heberle(UFSC)*

